

A Casa de Jajja

Jajja´s House

La Casa de Jajja

*Mariana Montag, Arquiteta pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie).
E-mail: marianafmontag@gmail.com*

*Lucas Fehr, Doutor em Arquitetura e Urbanismo. Professor da Universidade Presbiteriana
Mackenzie (FAU-Mackenzie).
E-mail: lucasfehr@mackenzie.br*

Resumo

O projeto é um estudo e prática sobre moradias autoconstruídas para mulheres rurais. É um projeto de graduação final cujas demandas e clientes são reais, exigindo responsabilidade pela sua viabilidade. As mulheres das zonas rurais fazem parte da sustentabilidade do nosso sistema, mas são vozes pouco ouvidas. O desenho da casa foi feito após uma imersão na comunidade de Kikajjo em Uganda, África Leste, e envolveu a participação direta de Jajja – líder comunitária e usuária. A construção da casa envolve oficinas de formação sobre construção para mulheres, uma prática emancipatória que questiona os papéis de gênero e fortalece a autonomia das mulheres.

Palavras-chave: Autoconstrução; Gênero; Cadeia produtiva; Comunidade.

Abstract

The project is a study and practice on self-constructed housing for rural women. It is a final graduation project whose demands and clients are real, demanding responsibility for its viability. Rural women are part of the sustainability of our system, but they are little heard voices. The design of the house was done after an immersion in the Kikajjo community in Uganda, East Africa, and involved the direct participation of Jajja - community leader and user. The construction of the house involves training workshops on building for women, an emancipatory practice that questions gender roles and strengthens women's autonomy.

Keywords: Self-construction; Gender; Production Chain; Community.

Resumen

El proyecto es un estudio y una práctica sobre la vivienda autoconstruida para las mujeres rurales. Es un proyecto de graduación final cuyas demandas y clientes son reales, exigiendo la responsabilidad de su viabilidad. Las mujeres rurales son parte de la sostenibilidad de nuestro sistema, pero son voces poco escuchadas. El diseño de la casa se hizo después de una inmersión en la comunidad Kikajjo de Uganda, África oriental, y contó con la participación directa de Jajja, líder de la comunidad y usuaria. La construcción de la casa implica talleres de capacitación sobre construcción para mujeres, una práctica emancipadora que cuestiona los roles de género y refuerza la autonomía de las mujeres.

Palabras clave: Autoconstrucción; Género; Cadena de producción; Comunidad.

INTRODUÇÃO

O trabalho ora relatado origina-se a partir de um Trabalho Final de Graduação realizado na FAU-Mackenzie, de autoria da então graduanda Mariana Montag, orientada pelos professores Ricardo Ramos, Lucas Fehr e Sasquia Obata.

O trabalho desenvolvido se debruça sobre relações de afeto e arquitetura, como prática emancipadora feminina. Trata-se de uma pesquisa prática sobre moradias autoconstruídas *para* e *por* mulheres de uma comunidade rural em Kikajo, Uganda, na África Oriental, continente onde a ação humana colonizadora foi socialmente desastrosa. Desde os primeiros desenhos até a construção final, o projeto entende o processo construtivo como um lugar de troca de conhecimento, abordando o *design* como uma ação holística capaz de questionar a cadeia produtiva convencional.



Figura 1: Jajja segurando a maquete do projeto de sua casa, dentro da casa construída. Uganda, em fevereiro de 2020. Fonte: arquivo pessoal de Thais Viyuela.

As mulheres compõem 75% dos pobres do mundo e são as principais responsáveis pelo cuidado das crianças. Embora em seu cotidiano nesse meio rural as mulheres incorporem atividades que mitigam os efeitos do aquecimento global, elas se encontram entre as mais afetadas pelos os desastres naturais causados pelas mudanças climáticas. Além disso, as atividades domésticas sempre foram delegadas às mulheres, mas seu ambiente é planejado e

construído por homens. O trabalho desenvolvido leva em consideração essas rotinas de atividades de produção e o seu protagonismo feminino na elaboração de suas próprias casas, palco de muitas dessas ações cotidianas.

O projeto foi concebido por meio de várias imersões em Kikajjo, num processo que envolveu a participação direta de Jajja, uma senhora de 76 anos, usuária final da habitação e líder comunitária, o que de imediato transformaria essa casa em um ponto de encontros, reuniões e debates emancipatórios femininos, em uma sociedade de tradição extremamente machista (Figura 2).

Os métodos construtivos adotados foram baseados em trabalhos de campo, levantamentos etnográficos e técnicos e prototipagem por meio da prática da construção, parte desenvolvida no Laboratório de Prototipagem e Canteiro na Universidade e posteriormente experimentados no local (Figuras 4 e 5). Durante esse processo, Jajja pôde, por meio de modelo físico diretamente a ela apresentado, opinar e certificar-se da pertinência das decisões tomadas.

A dedicação à viabilidade vem de um compromisso baseado no cuidado. A Casa de Jajja tem dois grandes princípios norteadores: o primeiro, partindo-se de um entendimento sistêmico, aborda o trabalho humano e os materiais locais não apenas como recursos, mas como agentes ativos em um desenvolvimento cíclico na comunidade; o segundo, incita a ponte entre a academia, as demandas da comunidade e o mundo prático. Usando capital privado e de longo prazo para desenvolver um processo de desenho educacional com um ritmo mais lento, a academia tem o papel de treinar profissionais aspirantes a se conectar com o conhecimento local, a fim de tomar decisões coletivas para o desenvolvimento sustentável e, em conjunto, gerar soluções coerentes para o futuro. Dentro destes princípios, o módulo da casa e seus elementos foram todos dimensionados tendo a mulher como o principal agente construtivo. O processo construtivo incorpora a tecnologia do lugar, e foi realizado por meio de oficinas de construção para as mulheres locais, promovendo a capacitação técnica como ferramenta de empoderamento para sua autonomia.

O programa da casa e a concepção dos ambientes basearam-se no modo de vida cotidiano local, organizadas conforme seus costumes e hierarquias. Todos os ambientes são organizados sob um teto independente, permitindo a adaptação para diferentes formações familiares. Os módulos residenciais são duplicáveis, favorecendo a ampliação (Figura 6).

O projeto coloca questões básicas de sustentabilidade ambiental, como captação de água, boa aeração, iluminação natural e técnicas vernaculares, envolvendo mão de obra, materiais e tecnologias da cultura artesanal local, algumas não usuais nas construções daquela região, como trançados de palhas em vedações ventiladas. Complementarmente, compartilhou-se técnicas inovadoras para a comunidade, como o sistema de cobertura com águas invertidas, apoiadas em treliças com caimento central com a função de captar a água da chuva.

Esse processo, iniciado com o TFG, teve sua continuidade com a arrecadação para o financiamento de terreno e obra, finalmente executada e concluída conforme sua concepção participativa (Figura 7).

A Casa de Jajja começa com o protótipo em Kikajjo, como reflexo de uma cultura, ou melhor, como produto de uma interação cultural entre povos distantes, mas continua com a possibilidade de expansão tanto por meio da replicação do módulo como do processo metodológico de atendimento de demandas similares.

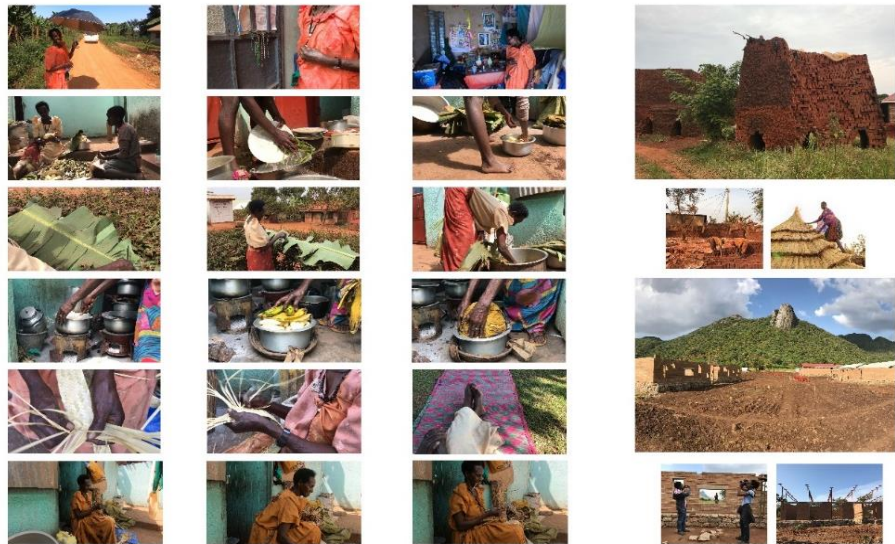


Figura 2: Do lado esquerdo – Aprendendo com as dinâmicas de vida de Jajja, suas necessidades e seus desejos, sua rotina, seus roteiros e seus rituais. Do lado direito – Investigação sobre recursos e técnicas locais e exemplos de inovação técnica. Fonte: arquivo pessoal de Thais Viyuela.



Figura 3: Concepção preliminar do projeto, comunicado e discutido com a Jajja por meio de um modelo físico. Fonte: arquivo pessoal de Mariana Montag.



Figura 4: A estrutura da cobertura projetada para a casa foi testada em um protótipo construído para uma escola berçário de Frida, Honey Ports Nursery School. Fonte: arquivo pessoal de Mariana Montag.

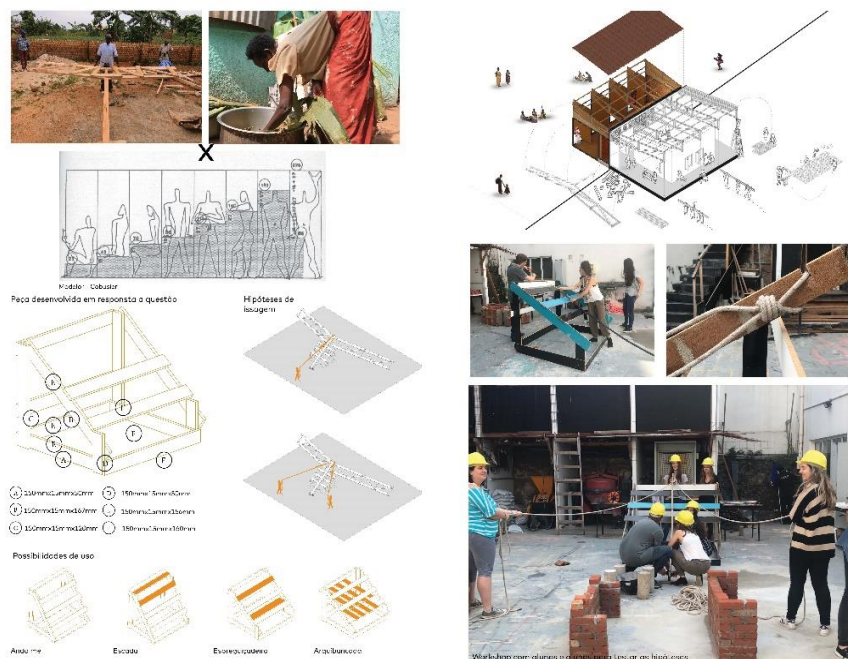


Figura 5: Uma estrutura considerando a ergonomia feminina foi concebida em uma oficina para estudantes, a fim de tornar o processo construtivo coerente. Fonte: arquivo pessoal de Mariana Montag.

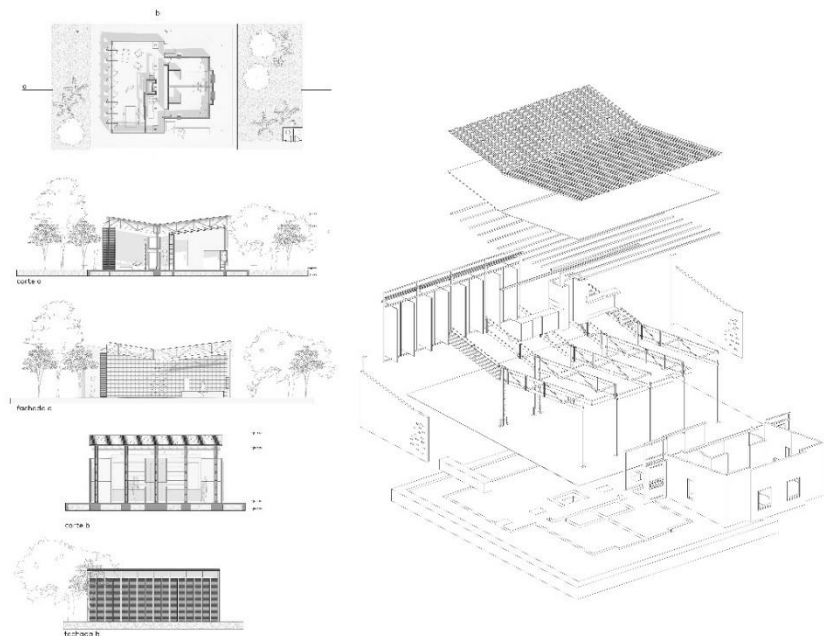


Figura 6: Desenhos finais da casa de Jajja, planta baixa, cortes, elevações e diagrama de perspectiva. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 7: A fase de construção durou 6 semanas e serviu como oficina de formação para as mulheres locais. Os fundos foram angariados por meio de uma campanha de financiamento coletivo. O processo de construção incluiu 6 colaboradoras estrangeiras, 2 carpinteiros, 4 profissionais da construção civil e 7 mulheres aprendizes. Fonte: arquivo pessoal de Thais Viyuela. al de Mariana Montag.